

blema que se coloca não é o da inviabilidade dessas hipóteses que são muito bem encaminhadas pelo Autor. O que não podemos deixar de salientar é que Rui Facó justapõe as condições reais de existência do sertanejo aos eventos históricos que pretende analisar sem estabelecer, de maneira positiva e realmente consistente, as correlações necessárias à explicação causal. É verdade que, principalmente através da figura do coronel, o Autor tenta estabelecer tais conexões explicativas entre o panorama geral e os movimentos de cangaceiros e fanáticos. Contudo, resta-nos uma questão: por que surgem, exatamente *esses* dois tipos de movimentos, quais as condições específicas que os geraram, qual a ideologia de seus protagonistas? Parece que neste ponto ele vai encontrar as limitações de sua formação, deixando aos especialistas o prosseguimento da análise.

Contraditariamente, este é o ponto mais criticável da obra, ao mesmo tempo que um dos mais positivos. A nosso ver, duas são as contribuições de Rui Facó. Por um lado, a tentativa de entender os problemas partindo da situação global em que se inserem, buscando nela a sua verdadeira explicação. Por outro, o tratamento do cangaço e do misticismo conjuntamente, ao lado da migração, como coordenadas de um mesmo esquema, como possibilidades alternativas se bem que inviáveis (e que não se excluem necessariamente) de superação de um drama existencial cujo traço determinante é o esmagamento das prerrogativas humanas do camponês. Devemos frisar, ainda, que apenas o estudo em termos de um esquema amplo de análise não é suficiente, embora, no caso presente, sugestivo; ao mesmo tempo devem ser buscados os motivos particulares de cada situação. — Antônio Augusto Arantes Neto.

CARLOS DRUMOND. *Contribuição do Bororo à toponímia brasileira*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1965. 129 pp., Mapa.

"Tupimania brasileira" é o título de um dos capítulos do livro *Toponímia brasileira*, de Armando Levy Cardoso, onde o diligente escritor pondera, baseado em pesquisas e informações científicas, que houve "da parte de alguns estudiosos de nossa toponímia, um verdadeiro sestro de querer explicar com etimologias tupis tôdas as denominações indígenas, chegando o fato a constituir, realmente, uma verdadeira tupimania." Por este motivo é que a Cadeira de Línguas Indígenas do Brasil, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, criada em 1962, iniciou o levantamento exaustivo da toponímia brasileira de origem aborígeme em geral, para posteriormente levar avante a publicação de um dicionário toponímico. A parte referente ao Bororo já se acha completa e é o tema do presente estudo.

A obra em aprêço foi apresentada como tese de livre docência à Cadeira acima nomeada. É uma ampliação de largo fôlego do ensaio preliminar publicado em 1954 pelo Boletim Paulista de Geografia. Neste, foram estudados cento e onze topônimos, e o apresentador, ao comentar a oportunidade do trabalho, valorizou-o por focalizar um aspecto que até então não havia sido tratado com o devido interesse.

Para o levantamento dos topônimos, o Autor utilizou-se de fontes cartográficas (carta de Mato Grosso de 1952 e folha de Corumbá da Carta do Brasil do milionésimo) e de trabalhos do insigne sertanista Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, dos salesianos César Albisetti e Antônio Colbachini e do historiador Basílio Magalhães. E, seguindo o delineamento dos estudos científicos da

moderna onomástica, procurou, "in loco", dirimir as dúvidas porventura existentes e buscar maiores esclarecimentos para uma série de designações geográficas, o que foi feito através de viagem realizada à aldeia Bororo denominada Meruri pelos indígenas, ou Sagrado Coração pelos religiosos.

O livro está dividido em dois grandes capítulos, a saber: Oronímia (p. 29-59) e Hidronímia (p. 63-115), analisando minuciosamente duzentos e vinte e três onomásticos. Cada capítulo comporta sub-divisão: uma dedicada às designações originárias de nomes de animais, outra às originárias de fontes diversas, uma terceira aos nomes que lembram espécimens vegetais, e a última aos topônimos originários de fontes diversas.

Diz Ashley Montagu, em "The direction of human development", que "não há menor dúvida de que sem a linguagem não pode haver pensamento humano, e que a linguagem é a base do pensamento quer vocalizada ou não. Prova mais convincente ainda desta relação é obtida pelo estudo conjunto das línguas e culturas dos povos pré-letrados. Tais estudos revelam a fidelidade estupenda pela qual a cultura se reflete na língua, como um espelho." O mesmo pode-se dizer da onomatologia. Da coleta levada a efeito por Carlos Drummond nada menos de oitenta e seis topônimos assinalados são originários de nomes de animais. Esse número de ocorrências permitiu inferir "de imediato e no caso tem valor corroborativo, a característica fundamental do gênero de vida destes índios: uma sociedade de caçadores. O mundo animal intimamente ligado à sociedade humana, através dos elementos orgológicos e animalógicos que compõem o patrimônio cultural deste grupo está presente na maioria dos topônimos", como se lê à página 16.

Convém lembrar, porém, que o Autor não alinhou entre estes topônimos alguns onomásticos que aí se enquadrariam. Como exemplo deste fato é o caso de *Aturebeico* (p. 50) cuja tradução equívale a conchas ou conchinhas, incluído na sub-divisão "Topônimos originários de aspectos diversos da cultura Bororo", e esta inclusão é explicada pelo Autor, mas de maneira que nos parece não muito convincente.

A distribuição areal dos topônimos coincide, em linhas gerais, com antigo território de caça dos Bororos, o qual, devido a fatores vários, atualmente está muito reduzido. Vem a propósito lembrar a veracidade da teoria de Fritz Graebner, exposta no "Methode der Ethnologie", em que afirma que o estudo dos topônimos nos ensina a conhecer os antigos limites das unidades étnicas e, portanto, das unidades de cultura.

Os reparos à obra, que faríamos, seriam todos de ordem técnica e de ordem teórica. Entre os primeiros, a inexistência de índice para capítulos e sub-capítulos que facilitariam uma consulta mais rápida. Ainda mais, a reprodução do mapa da Enciclopédia Bororo não foi feliz. Melhor, seria, a nosso ver, o mapa que acompanhou o artigo inserto no Boletim Paulista de Geografia, de melhor técnica cartográfica, que, com alguns adendos, poderia permitir ao leitor uma visualização da área estudada.

Como tese universitária é a primeira, de nosso conhecimento, integralmente dedicada a um estudo de onomástica brasileira. Assim sendo, as notas 1 e 2 mereciam um maior desenvolvimento no tocante à análise crítico-histórica dos estudos de toponímia no Brasil.

As críticas feitas em nada diminuem esta publicação que, por certo, se constituirá como marco expressivo nos estudos científicos da toponímia brasileira. — *Erasmus d'Almeida Magalhães.*